ENGENHOCAS e COISAS PRÁTICAS

★ TRABALHOS, SUGESTÕES E IDÉAS PARA O CONSTRUTOR AMADOR ★ N.º 16

15 TOSTÕES

ENGENHOCAS E COISAS PRÁTICAS

PARA A PROPAGANDA REACIONALIZAÇÃO DOS TRABALHOS-MANUAIS

Director e Editor: NUNO TELLES PALACIN PINTO

Propriedade de: Edições "O MOSQUITO", Limitada — T. de S. Pedro, 9 — LISBOA — Telef. 25893

Sai em tôdas as 3.AS-FEIRAS

ASSINATURAS Pagamento adiantado

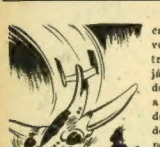
12 números	Esc.	15$00
24 »	»	30$00
48 »	»	60$00

Número avulso Esc. 1$50

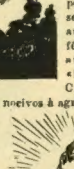
TAPETE MÁGICO da CIÊNCIA

TALVEZ NÃO CREIA, MAS E' VERDADE...

★ QUE cêrca de 1.500.000 vespas fôram transportadas já há tempos desde Budapest a uma cidade do Canadá, onde tinham sido pedidos os seus serviços para auxiliar a defêsa contra os «insectos do Colorado» e outros animais nocivos à agricultura!



★ QUE o poço mais profundo do mundo inteiro fica situado na Califórnia, em South Bebridge, medindo 3.468 metros de altura!



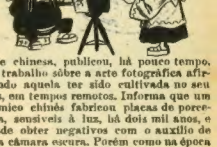
● Na América foi pôsto à venda um novo tipo de guarda-chuva, que recebeu o nome de «Visibrelas», por ter a grande vantagem de não impedir a visibilidade. Trata-se de um guarda-chuva de forma comum, cujas varetas, em vez de sustentarem o tradicional pano preto de séda ou algodão, são cobertas de borracha finíssima e transparente, graças à qual se pode andar pelas calçadas e ver os demais transeuntes.

● O Professor P. N.G nosh, e o dr. A. C. Uktl, em investigações feitas, chegaram à conclusão de que a intensidade dos raios ultra-violetas da luz solar em Calcutá, alcança o máximo de valôr em Junho, apesar do máximo de sua intensidade ter sido registrada em Julho. Esta intensidade decresce ràpidamente em Maio, do mesmo modo que em Julho. Durante o período de Maio a Setembro, as intensidades foram maiores durante a tarde, muito mais que durante as manhãs. No inverno, a deminuição de intensidade é maior durante a manhã.

● Para contribuir no salvamento da tripulação dos submarinos que naufragam, inventaram na Alemanha um «pulmão automático». Este pulmão possue uma provisão de oxigénio que se aspira pela bôca atravez de um tubo. Oculos bem ajustados protejem os olhos, enquanto que uma pinça que aperta o nariz, impede a inalação d'água. A respiração efectua-se com o seu ritmo uniforme e normal. O aparelho fornece apenas o ar necessário, sem que se faça nenhuma pressão nêle, e sem perigo para os pulmões humanos. O «pulmão automático», contém ar suficiente para trabalhar duas horas debaixo de água, ou numa cabine cheia de gaz.

● Um sábio chinês, que há muitos anos se dedica ao estudo da técnica na antiguidade chinesa, publicou, há pouco tempo, um trabalho sôbre a arte fotográfica afirmando aquela ter sido cultivada no seu país, em tempos remotos. Informa que um químico chinês fabricou placas de porcelana, sensíveis à luz, há dois mil anos, e poude obter negativos com o auxílio de uma câmara escura. Porém como na época não se dispunha de vidro, as imagens não puderam ser reproduzidas, e o processo não teve êxito. Afirma o sábio que o princípio da fotografia foi assim descoberto por um chinês.

Tôda a correspondência deve ser dirigida a: Travessa de S. Pedro, 9 — LISBOA



● De acôrdo com os cálculos mais recentes baseados sôbre factos extraídos de diferentes ciências, coordenados entre si, a Terra tem uma antiguidade de três mil milhões de anos. A metade dêsse tempo corresponde à era arqueológica; mil milhões à era primária; 800 milhões à era secundária; 200 à era terciária e dez milhões à era quaternária na qual nos encontramos hoje.

AOS NOSSOS LEITORES

Com êste número — o n.º 16 — termina ENGENHOCAS a sua curta vida.

Ninguém mais vivamente o lastima do que nós. ENGENHOCAS, nas suas escassas 16 semanas de existência, conquistou um público interessante — talvez mais pela qualidade do que pela quantidade — e pode dizer-se que agradou plenamente.

Mas a verdade é que a vida de uma publicação desta natureza é condicionada por muitas e variadas circunstâncias. Crises que se prolongam, dificuldades que dia a dia aumentam, matérias primas que faltam, são outras tantas espadas de Damocles suspensas sôbre qualquer iniciativa dêste género.

Impôs-se uma revisão de planos das nossas edições, e é a êsse imperativo que obedecemos. E' possível que noutra opor unidade, em melhores dias, ENGENHOCAS recomece a publicar-se.

Por agora, acabou-se.

Agradecemos aos nossos leitores o acolhimento que lhe deram e dêles efectuosamente nos despedimos.

Acrescentaremos apenas, como é dever nosso, que os assinantes de ENGENHOCAS serão reembolsados na nossa Redacção, contra simples apresentação dos recibos já pagos, das importâncias correspondentes aos números que deixam de receber. E' todavia indispensável que a apresentação dos recibos, para efeitos de reembolsos, seja feita antes de 31 de Dezembro do ano corrente.

Edições «O MOSQUITO», Limitada

Uma floresta numa gôta de água

SEGUNDO as palavras de um ilustre higienista e microbiologo, «no pequeno espaço de uma gota de água vista ao microscópio, há mais elementos filosóficos que em todos os livros que o homem jamais escreveu».

Ignoramos se através dos seis lustros que nos separam do tempo em que essas palavras foram escritas, o autor ainda as sustenta; mas o certo é que miriades de seres, diferentes na forma e no tamanho, que povoam as águas dos tanque e dos ribeiros de nossas campinas, oferecem, aumentadas as suas dimensões pelas lentes, um dos mais surpeendentes espectáculos que a mente humana possa conceber.

Nêste microcosmos, limitado por duas superfícies de metal — a lâmina e a lâmínula — e no meio duma insuspeitada vegetação, vive um número quási infinito de organismos reproduzindo-se, lutando e morrendo tal como sucede sôbre a terra, nos céus e no mar.

O quadro que uma simples gôta de água pode oferecer aos nossos olhos espantados e até maravilhados tem na realidade qualquer coisa de fabuloso.

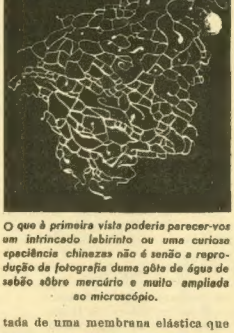
Entre os intrincados meandros constituidos por ínfimos filamentos de plantasinhas, movimentam-se estranhos seres, em constante perseguição das suas présas, sêres mais pequenos do que êles.

Outros esperam, em aleivosas emboscadas, o momento de satisfazerem a fome insaciável que os devora.

Todos os seres dêsse mundo deminuto vivem indefesos, de maneira que a astúcia é a única arma do débil contra o forte.

A flora dessa paisagem é formada por uma vegetação arborescente, envolta por fios finamente enrolados em espiral; o que mais chama a nossa atenção é a chamada «utricularia vulgaris», pertencente ao grupo das «Plantas carnívoras». Essas microscópicas «plantas» são dotadas de orgãos e dispositivos apropriados para pegar e reter os animais mais microscópicos ainda, que logo succionam e absorvem, mediante a secreção de sucos especiais, pois, como vegetaes, não possuem aparelho digestivo propriamente dito. A «utricularia» prolifera nas águas estagnadas. Nas suas fôlhas laminadas apresenta umas formações similares a bexigas, originadas por transformação progressiva da mesma fôlha.

Essas bexigas são as ratoeiras dos pequenos insectos, e são elas que logo caçam os que caem. Têm uma abertura como válvula, da qual saem umas espinhas aparentemente inofensivas e freqüentemente cobertas de minúsculas algas que servem de alimento aos organismos vivos e sôbre as quais pousam os povoadores do microcosmo. Quando um animalzinho se aproxima de uma dessas espinhas, resvala como por sôbre um plano inclinado até cair na abertura onde é engulido. Essa abertura é do-



O que à primeira vista poderia parecer-vos um intrincado labirinto ou uma curiosa «peciência chineza» não é senão a reprodução de fotografia duma gôta de água de sabão sôbre mercúrio e muito ampliada ao microscópio.

tada de uma membrana elástica que se abre para dentro, de modo a permitir a entrada mas, impedindo a saída da vitima. A membrana tem, além disso, pequenos pêlos que permitem o movimento numa só direcção para o interior, e são destinados à absorção dos animaizinhos ingeridos.

Há uma alga que predomina na exuberante vegetação dessa selva em miniatura: é a «spirogira». E' esta alga que na primavera, forma a película vêrde da superfície dos tanques. Deve o seu nome aos feixes espiraes de clorofila que cruzam sem interrupção de célula em célula.

Muitos animais alimentam-se da clorofila de que a alga é rica. Ao microscópio, pode observar-se isso: por exemplo, o *notomata copeus* perfura sistemáticamente célula por célula para absorver o conteúdo de clorofila.

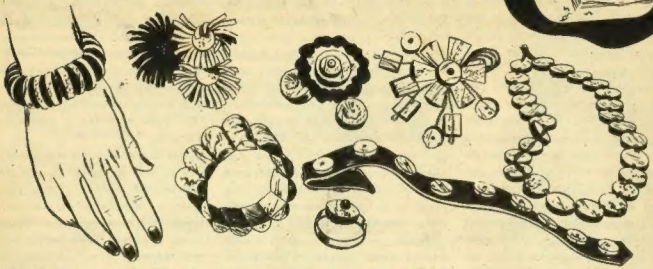
Os rotíferos que são metazoarios, isto é, correspondem ao género de organismos multicelulares, são na maioria, microscópicos, e só por excepção visíveis a olho nú. Maugrado a sua pequenez, estão muito bem organisados. O nome de rotíferos deriva do orgão singular que se encontra na cabeça, constituido por duas corôas de pestanas vibrateis, que, pelo seu movimento, podem ser comparadas com duas rodas girando. Esse movimento rotativo forma um redemoinho que atrai tudo o que passa pela proximidade do rotífero e o introduz no seu esofago, sempre aberto. Dali passa ao estômago, onde é digerido, e as partes não digeríveis são eliminadas através de um breve intestino ou são devolvidas pelo esofago.

Freqüentemente os rotíferos crescem definidos, formando colónias que parecem flôres estranhas. Alguns dêles segregam uma baba especial, mediante a qual se sobrepõem uns aos outros formando construções tubulares.

Entre os protozoários (animais monocelulares) a objectiva só pode surpreender entre a espessura da microscopica floresta as elegantes e sinuosas «vorticelas» que podem ser chamada as «baladeias» da selva. Têm a forma de uma pequena campânula disposta no extremo de um pedunculo contractil que as faz parecer minusculas flôres.

Se a água em que vivem êsses outros numerosos micro-organismos secasse de repente, ficaria sómente um pouco de pó esverdeado, que poderia ser o ponto de origem de um novo microcosmo, assim que aparecesse nova água.

O QUE SE PODE FAZER COM UMA...



Além da sua tão conhecida utilidade — e que motivou a razão da sua manufactura — uma simples ROLHA pode proporcionar-vos, caros leitores, ou digamos melhor, leitoras, o material para a obtenção duma série quási infinda de motivos de adôrno, todos cunhados com certa nota de elegância e de absoluta novidade. Vejamos, pois, o que poderemos fazer com uma ROLHA...

★ ★ ★

Nem sempre é fácil ter à mão uma faca de lâmina fina e de gume bem afiado. Tampouco a cortiça se corta como se talha um pedaço de queijo... Um pequeno artifício para conseguir bons resultados — superfícies uniformes, cortes perfeitamente planos, etc. — consiste em untar o *fio* da faca com um pouco de óleo, dêsse das máquinas de costura, ou então de vazelina líquida.

A ROLHA entala-se entre duas pequenas travessas de madeira, aparafusadas a uma base sólida, e que marcam a largura correspondente ao seu diâmetro. Quanto mais rápido e certo fôr o movimento da lâmina tanto melhor.

De preferência escolhem-se ROLHAS de secção constante, isto é, que tenham o mesmo diâmetro a todo o seu comprimento. Assim obter-se-ão rodelas iguais, condição necessária para a harmonia do seu conjunto quando dispostas segundo um motivo determinado.

As figuras pequenas no rectangulo à direita mostram, respectivamente:

A — Maneira de formar os elos de ligação, passando uma agulha enfiada em ráfia muito fina, ou filaça, por dois pontos situados sensivelmente a igual distância do centro do disco de cortiça.

B — Uma ponta de ráfia desfiada a cujo anel, na face oposta do disco, vai ligar-se um arame delgado de floristá, permite a realização das «corolas» de diversas «flôres» cujo formato varia com a imaginação inventiva de cada um.

C — Primeiro passo para a criação duma nova «flôr»: Um pedaço de feltro, recortado, é seguro à face inferior da rodela por linha forte rematada em «cruz».

D — Conjugação dos processos **B** e **C**.

E — Rôlhas pequenas, mais conhecidas pelo nome de «bilros» constituem, pintadas em tons alegres, um original «cacho» unido por pontas de ráfia. Emprêgo idêntico do processo **B**.

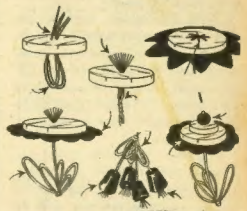
F — Processo ao qual se juntou um novo disco mais pequeno, rematado por uma conta redonda de fantasia.

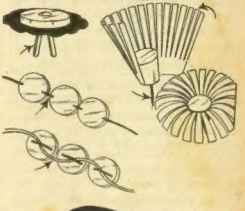
G — Processo **C**, com substituição da ráfia cosida em «cruz», por um pequeno *atache* metálico.

H — Um pedaço, de feltro recortado às tiras, e colado na superfície lateral da rôlha, forma, igualmente, outro processo para a creação de novas e bizarras «flôres».

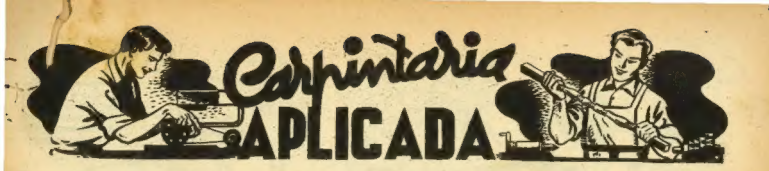
I — Finalmente, eis como se podem fazer cintos, ou em escala mais reduzida, diversas pulseiras:

Cose-se uma linha forte através de cada rodela e unem-se umas às outras formando

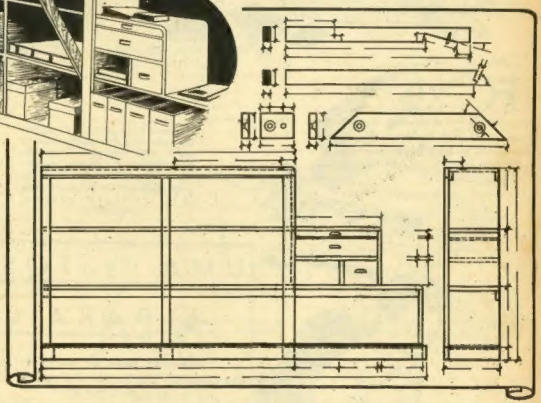




(Continua na pág. 10)



UM ESTIRADOR DE FACIL CONSTRUÇÃO

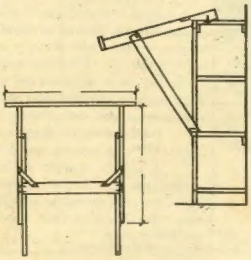


Não há ninguém, (particularmente estudantes tanto liceais como universitários) que não aspire a possuir em sua casa uma mêsa de desenho mais vulgarmente conhecida por «estirador».

Pois ENGENHOCAS apresenta-vos nesta página um modêlo de FACIL REALIZAÇÃO e que condensa a novidade de ter anexa uma pequena estante com gavetas e destinada ao arrumo e recôlha dos objectos e utensílios necessários aos fins do móvel.

A maneira de montagem do ESTIRADOR, está preparada de tal maneira, que permite o seu levantamento no melhor ponto que proporcione o seu amplo e completo aproveitamento, ou seja num vão desocupado, ou junto duma janela, etc., etc. Além disso a facilidade de poder desdobrar-se — o que não sucede nos modelos vulgares — permite-lhe igualmente ocupar muito pouco espaço o que já é por demais vantajoso.

Examinando com atenção o Esquema-Constrativo verificamos que a prancheta ou tampo do ESTIRADOR gira entre duas travessas de suporte encaixando, depois, ou dispondo-se inclinada, entre os dois alçados laterais que formam caixilho.



A prancheta pròpriamente dita é constituída por uma placa grande de casquinha, assente em duas travessas fixas de suporte e sôbre outra que delimite a sua margem frontal.

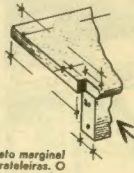
Os alçados laterais que formam caixilho prolongam-se, na sua estructura de pinho, para o corpo das prateleiras anexas que são construídas aparafuzando e

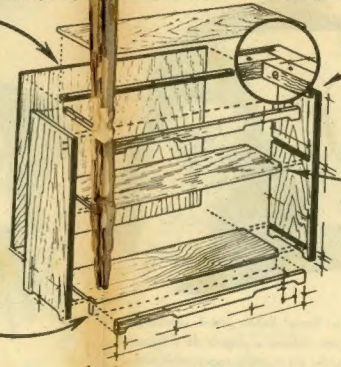
(Continua na pág. 10)

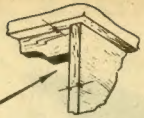
Detalhe da aplicação do fôrro, ou costas, da ESTANTE. A chapa de contraplacado que o constitui é aperafuzada e grudada ao longo da superfície de cada travessa, encaixando, depois, na pequena ranhura da margem posterior de cada um dos alçados.

O pormenor do cir... costas e as travessas ... mencionadas. O ení... como para o outro ... As travessas devem ... dos alçados pa...

...os a maneira de ligação entre o alçado lateral, as ...ornam o caixilho superior ao qual se aperafuzam as peças para a altura do fôrro, ou costas, tanto para um alçado ...te visível na gravura dispensando, pois, mais explicações. ...fuzar-se rigorosamente ao mesmo nível do lôpo superior ... o tempo possa ficar assente sob um plano uniforme.



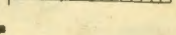




PORMENORES DA CONSTRUÇÃO

Processo para a obtenção das ranhuras de encaixe das prateleiras. Primeiro marcam-se, serram-se e talham-se a formão.

Aresta arredondada



Pormenor do formato marginal de cada uma das prateleiras. O corte está feito para o encaixe nas ranhuras dos alçados devendo as superfícies em contacto ficar ligeiramente folgadas para fácil remoção quando, necessário.

Detalhe mostrando a prateleira encaixada na respectiva ranhura e ficando com a aresta arredondada para a parte de fora.

UMA VISTOSA ESTANTE

★ PARA CANTO ★

Eis uma peça de mobiliário cujo objectivo utilitário e aspecto grandemente decorativo vão causar sensação em todos os leitores-construtores de ENGENHOCAS.

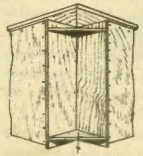
Na sua essência esta ESTANTE PARA CANTO compõe-se de dois corpos — absolutamente idênticos — e que, reünidos por uma das arestas laterais, formam o móvel pròpriamente dito. O tampo, unido por larugos, é, por assim dizer, a peça que mantém as duas estantes unidas como numa só. O material empregado para a construção da ESTANTE é, apenas se o quiserem por espírito de economia, o pinho nacional e de preferência com bastantes nós nas superfícies que não sejam apanhadas por qualquer dos instrumentos necessários para a construção do móvel.

Lògicamente os preceitos utilizados para a realização dum dos corpos serão os mesmos que para a realização do outro.

A estante, quando acabada de vez, pode ser encerada ou então envernizada para perfeito destaque dos nós da madeira.

Se pelo contrário esta fôr destituída de nós o móvel pinte-se em côres que harmonizem com os tons da parede ou com os do mobiliário geral.

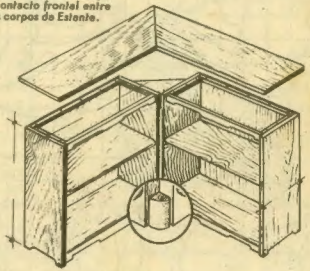
Vista posterior do canto de ESTANTE mostrando a ranhura para a entrada ou saída das prateleiras. O fôrro assenta igualmente sôbre a margem da retaguarda de cada alçado.



A união das duas pranchas formando os dois tampos da ESTANTE é conseguida por meio de larugos juntando as arestas em oblíquo.

Uma travessa de centoneira e em triângulo — com o rebôrdo de frente arredondado — — preenche a lôda e altura, o vão de contacto frontal entre os dois corpos da Estante.

Detalhe de todo o conjunto final da ESTANTE mostrando, na sua estructura em perspectiva, a forma como ficam colocadas lôdas as peças após a montagem e respectivos acabamentos.



CURIOSIDADES CIENTIFICA

BONECOS DESENHADOS PELO FOGO

ENGENHOCAS ensina-vos, caros leitores, uma curiosa e recreativa experiência própria para deixar fortemente intrigados os vossos amigos.

Eis como devem proceder:

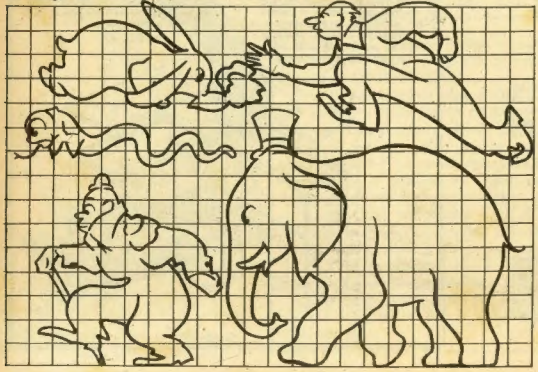
Escolhe-se primeiro uma fôlha de papel muito liso e pouco espêsso e com o auxílio, por exemplo, da ponta romba duma caneta desenha-se levemente — sem vincar o traço nem arranhar ou levantar as fibras do papel — qualquer dos motivos indicados no diagrama quadriculado que acompanha êste artigo.

Feito isto, tratamos de dissolver num pouco de água uma porção de NITRATO DE POTÁSSIO (comprado em qualquer farmácia ou drogaria) mesmo a frio e até obtermos uma solução saturada.

Molhando um pincel n.º 0 nêste líquido passamo-lo ao longo de todo o contôrno do desenho e deixamos secar, em seguida, a ténue linha assim pincelada.

Pegamos então num fósforo e depois de o termos acendido e deixado arder até metade, sopramo-lo, mas de maneira que conserve a extremidade em plena incandescência, como uma minúscula brasa em iguição.

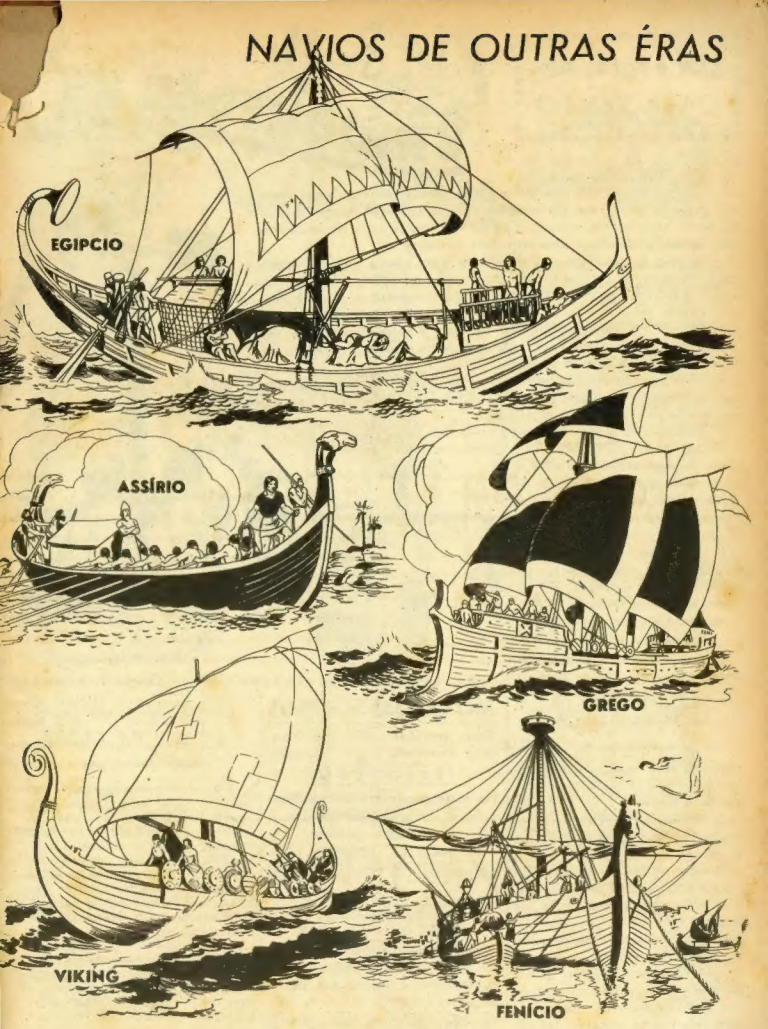
Antes disso marcámos na fôlha de papel — aparentemente sem nada que possa indicar a sua preparação química — e sôbre qualquer sítio do contôrno da figura, um pequeno ponto feito com o bico dum lápis e que nos vai servir como marca de referência.



Chegando a ponta incandescente do fósforo sôbre êste ponto o papel incendeia-se imediatamente, mas sem chama, propagando-se a combustão para ambos os lados do ponto e sôbre o perfil invisível do desenho.

O traço continúa estendendo-se pela superfície branca da fôlha de papel até que a figura se destaque por completo, soltando-se do fundo onde estava desenhado,

NAVIOS DE OUTRAS ÉRAS



Um engraçado CATA-VENTO

Qualquer papá com habilidade poderá fazer para os seus miúdos êste brinquedo útil e original. Em vez do catavento vulgar que rodopia ao sabôr da briza, teremos um moinho, e não só um moinho como um incansável palhaço dando cabriolas a uma velocidade fantástica.

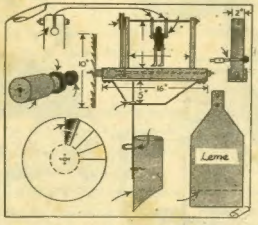
A base do catavento, que se colocará, como é obvio, em local desafogado é feita de um simples barrote. Para fazer o moinho, empregamos uma chapa de folha na qual desenham dois círculos concentricos. Cortar a fôlha pelo circulo exterior e fazer uns golpes a distâncias regulares até ao circulo interior, representando as pás. Dar uma lingeira torção a essas pás, sempre na mesma direcção como nos moinhos de verdade. Com fôlha também se faz a pá ou leme de direcção.

O boneco de madeira colorida ao gôsto de cada um, é montado num suporte de madeira e ligado ao eixo do moinho por meio de uma transmissão, que se pode fazer com um elástico.

Os braços do boneco são fixos à barra onde se seguram.

As pernas e o corpo giram à vontade. E aqui está como, com pouco trabalho se faz um maravilhoso e útil brinquedo.

Também ficará muito original, se em vez de um colocarem dois ou mais bonecos de fórma a que, quando um estiver em cima esteja o outro em baixo.



UM ESTIRADOR DE FÁCIL CONSTRUÇÃO

(Continuação da pág. 5)

grudando retalhos de prancha de pinho sob o aspecto indicados nos esquemas e gravura.

E' desnecessário indicar qualquer processo especial para a realização da estante.

Constroi-se nos preceitos ensinados até aqui podendo, se o quiserem, a união das partes fazer-se ou por entalhes grudados — o que será melhor — ou então por simples aparafuzamento.

Quando acabado, o môvel lixa-se por inteiro e enverniza-se ou pinta-se com tinta de óleo com excepção da prancheta que se deita apenas em madeira descoberta.

MODELOS SÓLIDOS

Caixa contendo plano, instruções, balsa desenhada e todo o material

Esc. 7$50

Na nossa secção de «Aviominiatura» estão à venda mais 3 caixas com os seguintes modêlos:

FIESELER «STORCH»

Interessante avião de reconhecimento alemão.

KITTYHAWHN

CURTISS WRIGHT

Dois rápidos aviões de caça do exército americano

Pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos a:

SECÇÃO DE AVIOMINIATURA

Trav. de S. Pedro, 9 — LISBOA

O que se pode fazer com uma fôlha

(Continuação da pág. 4)

cadeia. Pelas costas passam-se, através dos laços assim formados, um cordão feito de ráfias coloridas e entrelaçadas que depois se remata da maneira que mais convenha.

Pela sua fantasia, pela sua originalidade, êstes motivos de adôrno prestam-se mais para tempo de praia ou de campo, na época de verancio. No entanto podem começar já a ser confeccionadas, pois sempre é um curioso passa-tempo para distracção nas longas e frígidas noites de agora.

Quaisquer outros tipos de ornamento são simples variações dos apresentados nesta página, conseguindo-se, apenas, conjugando com espírito de inventiva as diversas fases, desde **A** até **I**.

VELAS ao VENTO

Às partes que formam o casco dum navio, quer elas estejam em repouso ou em movimento, estão sujeitas à acção de fôrças exteriores que tendem a deformá-las e rompê-las. Temos por isso que atender: além da acção do pêso do casco completo, à acção (pressão) exercida pela água sob a quarena, à acção dos propulsores e acção do vento sôbre as velas.

Para se conseguir uma solidez compatível com a máxima leveza, é preciso conhecer os esforços a que estão sujeitas as diversas partes do casco e o que êsses esforços tendem a produzir.

Esforços longitudinais—tendem a deformar o navio no sentido do seu comprimento. Alquebramento e contra alquebramento.

Estes esforços podem fazer-se sentir em grande escala num caso de encalhe em que a uma certa altura a maré baixa e o barco fica: ou só apoiado pelo meio, ou só pelos extremos.

Alquebramento nos extremos do navio predomina, no geral o maior pêso, porque é aí que estão as peças mais pesadas do navio. Na região central as formas do casco são cheias e a impulsão atinge aí grande valôr, excedendo geralmente o pêso dos extremos e assim as partes onde predomina o pêso descem, ao passo que aquelas onde a impulsão é grande sobem.

Contra alquebramento é o caso inverso do alquebramento, e muito raro. As extremidades do navio são muito afinadas e há grandes pêsos acumulados na parte central. Nesta parte o casco deforma-se descendo e subindo nos extremos (**B**).

Esforços transversais — tendem a deformar o navio nas suas secções transversais (**C**).

Esforços locais — tendem a produzir deformações locais, independentemente das deformações da estructura.

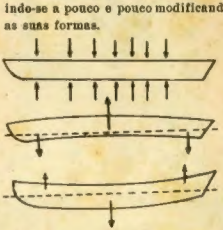
Há algumas peças que formam o esqueleto do navio que estão sujeitas a esforços especiais, devido à posição que ocupam. Está nêste caso a roda de prôa que tem de aguentar qualquer eventual choque, assim como o cadastre, que no geral suporta o leme e tem que aguentar os esforços que êle lhe transmite.

Se estas ou quaisquer outras peças nas mesmas condições, não resistirem temos uma deformação local.

EMPRÊGO DA MADEIRA NA CONSTRUÇÃO DE CASCOS

Até aos fins do século XVII, a madeira foi o material usado na construção de cascos. Com o desenvolvimento da indústria metalúrgica êste processo foi pôsto de parte, se bem que ainda se empregue nos barcos de recreio, barcos de pesca e em embarcações miúdas.

O casco de madeira tem a vantagem de resistir melhor à perfuração, devido à sua grande elasticidade. Sob o ponto de vista de habitação, os cascos de ferro não são adequados, pois o seu interior é bastante frio, embora se instalem caloríficos. A grande desvantagem dos cascos de madeira, é o grande perigo que ela oferece em caso de fôgo. Na reparação de avarias, o casco de madeira obriga para substituir uma peça, a substituição de tôdas as outras em mau estado. No de ferro substitui-se apenas a peça avariada e aproveita-se o resto. O navio de madeira atingiu a sua maior perfeição em construção em Portugal e foi êle o ponto de partida para o navio de ferro, copiando-se tôdas as peças da sua ossada e indo-se a pouco e pouco modificando as suas formas.



DECORAÇÕES DE INTERIORES

Uma singela prateleira para suporte de vasos com flôres ou cactos como moderno tema da decoração. Janela rasgada, deixando entrar livremente o sol e raposteiros discretos, correndo por dentro do apoio do varão e sôbre uma cortina de tecido vaporoso, harmonizando com os tons da pintura do móvel.

Detalhe para a decoração duma janela sem grande serventia. Um móvel-sinho-estante feito em madeira polida centraliza-se a meio da janela, impedindo-lhe o acesso. Um cortinado duplo de tulo estampado, caindo duma cimalha decorada, completa a harmonia singela do conjunto.

Eis um frizante exemplo de como pode ser preenchido o sempre inestético vão de parêde deixado entre duas janelas. Um gracioso armário para louça ou utilidades ocupa a largura entre as janelas contribuindo, com o seu traçado sóbrio mas elegantíssimo, um motivo certo de inigualável decoração.

Composto e impresso nas Edições «O MOSQUITO», Limitada — Travessa de S. Pedro, 9 — LISBOA